

"Saída da Religião" em perspectiva geracional: estudo sobre a desfiliação religiosa juvenil no Brasil pós-Censo 2022

“Leaving Religion” from a generational perspective: a study on youth
religious disaffiliation in Brazil after the 2022 Census

Alexandre Sugamoto *

Resumo

Este artigo investiga o crescimento da categoria "sem religião" entre os jovens brasileiros à luz dos dados do Censo 2022, com enfoque nacional e perspectiva geracional. Argumenta-se que esse fenômeno reflete transformações estruturais, sociais, culturais e tecnológicas nos processos de transmissão religiosa e nas formas contemporâneas de espiritualidade. A desfiliação religiosa juvenil, longe de representar uma rejeição absoluta da esfera espiritual, expressa uma forma de reconfiguração simbólica das experiências do sagrado, marcadas por trajetórias individuais, hibridismo ritual e distanciamento institucional. Utilizando dados quantitativos do IBGE e estudos qualitativos recentes, o artigo propõe que o fenômeno deva ser interpretado em chave geracional, à luz das categorias de “memória religiosa” e de “saída da religião”, permitindo compreender a descrença como uma forma ativa de inscrição cultural. Conclui-se que o crescimento da não filiação religiosa entre os jovens aponta para uma mudança de paradigma nas relações entre juventude e religiosidade no Brasil contemporâneo.

Palavras-chave: Desfiliação religiosa. Espiritualidade pós-institucional. Censo IBGE 2022.

Abstract

This article investigates the growth of the "without religion" category among young Brazilians considering 2022 Census data, with a national focus and generational perspective. It argues that this phenomenon reflects structural, social, cultural, and technological transformations in religious transmission processes and contemporary forms of spirituality. Youth religious disaffiliation, far from representing an absolute rejection of the spiritual sphere, expresses a symbolic reconfiguration of sacred experiences, marked by individual trajectories, ritual hybridism, and institutional distancing. The article uses quantitative data from IBGE and recent qualitative studies to propose a generational interpretation of the phenomenon, considering the categories of “religious memory” and the “exit from religion”, thus enabling the understanding of disbelief as an active form of cultural inscription. It concludes that the growth of non-affiliation among young people points to a paradigm shift in the relationship between youth and religiosity in contemporary Brazil.

Keywords: Religious disaffiliation. Post-institutional spirituality. IBGE Census.2022.

Artigo submetido em 11 de agosto de 2025 e aprovado em 06 de junho de 2026.

* Doutor e Mestre em Ciências da Religião pela PUC Minas. Bacharel e licenciado em Filosofia e licenciado em História.
País de origem: Brasil. ORCID: 0000-0003-4672-6838. E-mail: jed_alves@yahoo.com.br.

Introdução

Em junho de 2025, quando o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) divulgou os dados religiosos do Censo 2022 (IBGE, 2023), um número chamou atenção de pesquisadores, líderes religiosos e analistas sociais: entre as pessoas sem religião, a maior proporção está entre 20 e 24 anos com 14,3% e a menor, 4,1%, entre os idosos (80 anos ou mais).

De acordo com reportagem do CPAD News (2022), baseada em pesquisa Datafolha realizada em 2022 e que se reflete nos dados do Censo, no Rio de Janeiro, 34% dos jovens entre 16 e 24 anos se declaram "sem religião", superando pela primeira vez o número de evangélicos (32%) e os católicos (17%). Em São Paulo, esses jovens representam 30% da faixa etária, também ultrapassando católicos (24%) e evangélicos (27%). Esses dados representam mais que estatísticas isoladas, mas sinalizam uma possível transformação geracional que pode redefinir o futuro do campo religioso brasileiro.

O fenômeno da desfiliação religiosa juvenil transcende brasileira, mas os números nacionais revelam especificidades que merecem investigação detalhada. Nacionalmente, o grupo "sem religião" cresceu de 7,9% em 2010 para 9,3% em 2022, totalizando 16,4 milhões de pessoas, sendo a maioria (56,2%) composta por homens (CNN Brasil, 2025). No entanto, quando desagregamos esses dados por faixas etárias e regiões, emerge um padrão geracional que desafia narrativas tradicionais sobre religiosidade no Brasil.

Este artigo propõe uma análise sistemática do perfil etário da categoria "sem religião" no Censo 2022, investigando as causas estruturais, culturais e tecnológicas que explicam o crescimento da desfiliação religiosa entre as gerações mais novas. Os "sem religião" são "pessoas que se afirmam ter crenças, mas são crentes ao seu modo, de uma forma que não lhe parece vincular a alguma instituição religiosa, sem participação ou participação irregular em cultos" (Ritz e Senra, 2022, p. 319)

Por isso, as leituras sobre a juventude "sem religião" ganham maior robustez analítica quando trianguladas com abordagens teóricas consistentes,

capazes de iluminar tanto os condicionantes históricos e socioculturais dessa condição quanto as dinâmicas subjetivas de construção de sentido que a sustentam. Essa articulação entre dados empíricos e referenciais conceituais possibilita compreender o fenômeno em sua complexidade, mas também situá-lo no interior de debates mais amplos sobre secularização, pluralismo religioso e reconfiguração das identidades espirituais na contemporaneidade.

A hipótese central é que tais fenômenos vão além de "secularização" ou "ateização" da sociedade brasileira e representam transformações complexas nos processos de transmissão religiosa, na relação dos jovens com instituições tradicionais e no impacto das tecnologias digitais sobre formas contemporâneas de espiritualidade.

O objetivo da análise, portanto, é construir um perfil multidimensional dos jovens "sem religião" que permita compreender tanto o que rejeitam quanto o que buscam em termos de experiência espiritual e pertencimento comunitário

1 Metodologia

Este artigo adota um desenho metodológico descritivo-interpretativo. A base empírica principal é composta pelos dados do Censo Demográfico 2022, divulgados pelo IBGE, especialmente aqueles relativos à autoidentificação religiosa, à distribuição etária, ao sexo e à distribuição regional da população declarada "sem religião". A análise quantitativa tem caráter descritivo, isto é, busca organizar e interpretar os percentuais disponíveis, sem a pretensão de construir modelo estatístico inferencial. A variável central observada é a autoidentificação na categoria censitária "sem religião". A variável geracional é trabalhada por meio das faixas etárias disponibilizadas pelo IBGE e por levantamentos complementares, de modo a comparar jovens e demais grupos etários. Essa comparação é necessária porque a expressão "perspectiva geracional", presente no título, exige verificar se a maior incidência de não filiação religiosa entre os jovens corresponde a um padrão de idade, a um efeito de corte ou a uma combinação de ambos.

A revisão bibliográfica foi organizada em três blocos: a literatura

internacional sobre secularização e substituição geracional, com destaque para David Voas e Jörg Stolz; os estudos brasileiros sobre juventude, mudança religiosa e desinstitucionalização, com atenção a Sílvia Fernandes e Flávio Sofiati; e os referenciais teóricos de Danièle Hervieu-Léger e Marcel Gauchet, empregados para interpretar a crise da transmissão religiosa e a reconfiguração contemporânea do pertencimento.

Há, contudo, limites importantes. O Censo capta a autoidentificação religiosa em uma alternativa declarada pelo respondente, mas não mede intensidade de crença, frequência de prática, trajetórias de conversão, formas privadas de espiritualidade nem vínculos intermitentes com instituições religiosas. Por isso, a categoria “sem religião” é tratada como categoria censitária heterogênea, que pode incluir ateus, agnósticos, indiferentes religiosos, crentes sem igreja e sujeitos com práticas espirituais não institucionalizadas.

2 O perfil geracional da desfiliação religiosa no Censo 2022

Os dados do Censo 2022 evidenciam uma distância expressiva entre as faixas etárias. A categoria “sem religião” atinge 14,3% entre pessoas de 20 a 24 anos e cai para 4,1% entre pessoas de 80 anos ou mais, percorrendo um intervalo de mais de dez pontos percentuais ao longo do ciclo etário. No plano nacional, a proporção passou de 7,9% em 2010 para 9,3% em 2022, totalizando aproximadamente 16,4 milhões de pessoas, das quais 56,2% homens. A defasagem entre a faixa juvenil e a média geral constitui o indicador analiticamente relevante: o crescimento agregado, ainda moderado, oculta uma concentração desproporcional entre adultos jovens, padrão que sugere transformação nos mecanismos de transmissão religiosa entre gerações.

Essa distância, por si só, não resolve a interpretação do fenômeno. A diferença entre faixas etárias pode resultar de três processos distintos: efeito de idade, quando o ciclo de vida produz aproximação ou afastamento da religião conforme o avanço dos anos; efeito de período, quando um acontecimento histórico atinge simultaneamente todas as gerações; e efeito de coorte, quando a configuração religiosa permanece fixada na geração que a internalizou em sua socialização primária. A literatura internacional sobre secularização atribui peso

decisivo ao terceiro mecanismo. Voas (2009) e Voas e Doebler (2011) demonstram que a mudança religiosa europeia opera predominantemente por substituição de coortes, com baixa migração intra-individual ao longo da vida adulta. Stolz, Biolcati e Molteni (2021) confirmam o padrão para o caso francês. Caso o efeito predominante no Brasil fosse o de idade, seria razoável esperar que os jovens "sem religião" retomassem vínculos institucionais com o envelhecimento, o casamento e a parentalidade. Caso seja o de coorte, hipótese mais coerente com a literatura disponível, a proporção tende a crescer na medida em que as coortes mais antigas, socializadas em contextos de maior pressão institucional, forem sucedidas por coortes formadas em ambientes de pluralismo religioso e menor controle comunitário.

A análise dos dados do Censo 2022 revela que a categoria "sem religião" apresenta características demográficas específicas que a distinguem claramente de outros grupos religiosos. Conforme os dados do IBGE, "os sem religião, que incluem qualquer pessoa que não se identifica com nenhuma denominação e aquelas que não têm qualquer fé (ateus e agnósticos), também cresceram, de 7,9%, em 2010, para 9,3%, em 2022" (Agência Brasil, 2025). No entanto, essa média nacional esconde variações regionais e, principalmente, etárias significativas que sinalizam uma transformação nos processos de transmissão religiosa intergeracional.

Para compreender adequadamente esse fenômeno, é preciso recorrer aos instrumentos conceituais desenvolvidos por Danièle Hervieu-Léger, especialmente sua teoria sobre a crise da transmissão religiosa na modernidade. Segundo a socióloga francesa, toda religião constitui "um dispositivo ideológico, prático e simbólico pelo qual se constitui, mantém, desenvolve e controla a consciência (individual e coletiva) de pertença a uma linha particular de crenças" (Hervieu-Léger, 2008). Essa "linha crente" se perpetua por meio da memória coletiva que conecta a experiência religiosa do presente a um evento fundador do passado, garantindo a continuidade da tradição religiosa.

Os dados mais importantes emergem quando analisamos a distribuição por faixas etárias em contextos urbanos específicos. A Região Sudeste apresenta 10,6% de sua população "sem religião", superando a média nacional. No

Nordeste, por exemplo, 8,9% da população se declara sem religião, e os números são de 8,2%, 7,1%, e 8,9% para Norte, Sul e Centro-Oeste, respectivamente.

Embora os dados específicos por escolaridade ainda estejam sendo processados pelo IBGE, pesquisas complementares indicam que jovens "sem religião" apresentam, de modo geral, maior acesso a tecnologias digitais, independentemente do seu nível de educação formal. A globalização e as tecnologias digitais têm impacto direto sobre a juventude atual, proporcionando difusão de acesso a outras culturas e tradições espirituais que anteriormente eram inacessíveis.

Na perspectiva de Hervieu-Léger, esses dados indicam um processo de "exculturação" - a ruptura dos mecanismos tradicionais de transmissão da memória religiosa. Em sociedades modernas, "a diferenciação de um campo religioso especializado, a pluralização progressiva das instituições, comunidades e sistemas de pensamento religioso corresponde ao curso histórico da diferenciação da memória social total" (Hervieu-Léger, 2008, p.88). As novas gerações crescem em contextos em que as "coletividades-memória" tradicionais se fragmentaram, dificultando a transmissão eficaz das "linhagens religiosas" que anteriormente garantiam a continuidade da fé.

Em relação ao perfil de gênero, nacionalmente os homens representam 56,2% do grupo "sem religião". Entre os jovens, essa distribuição pode variar significativamente por região e contexto socioeconômico. Isso sugere que os processos de desfiliação religiosa operam de forma diferenciada para homens e mulheres jovens, possivelmente relacionados a diferentes expectativas sociais, pressões familiares e trajetórias educacionais.

Deduz-se, portanto, que a categoria "sem religião" entre jovens abarca múltiplas trajetórias de desfiliação que vão desde o ateísmo militante até formas híbridas de espiritualidade não-institucional. A literatura especializada tem questionado crescentemente a validade conceitual desta categoria censitária. Como argumentam Martins Filho e Ecco (2021), a designação "sem religião" pode incluir desde pessoas indiferentes à dimensão religiosa até "crentes sem religião" - indivíduos altamente religiosos que desenvolveram espiritualidades de caráter

pessoal após se afastarem das instituições tradicionais.

Essa diversidade pode ser compreendida por meio do conceito de "recomposição religiosa" desenvolvido por Hervieu-Léger. Para a socióloga francesa, a modernidade religiosa caracteriza-se pela "recomposição" da religião, e pelas práticas individualizadas que escapam ao controle institucional tradicional. Nesse contexto, muitos jovens constroem suas próprias crenças religiosas por meio de empréstimos vindos de diferentes tradições, produzindo "bricolagens espirituais" que mantêm dimensões transcendentais, mas rejeitam a autoridade das memórias autorizadas e institucionais.

3 As causas da desfiliação religiosa juvenil

A explicação das causas da desfiliação juvenil exige distinguir o que muda e o que permanece nas trajetórias religiosas individuais. Voas (2009) propõe a categoria de *fuzzy fidelity* para nomear a posição intermediária ocupada por indivíduos que mantêm vínculos residuais com tradições religiosas familiares, autoidentificação genérica, participação ocasional em ritos de passagem, crença difusa em algum tipo de transcendência, sem prática regular nem filiação institucional plena. O estudo demonstra que essa zona cinzenta funciona menos como estado estável e mais como etapa de transição: as coortes mais jovens tendem a migrar dela em direção à irreligiosidade declarada, não à religiosidade institucional. Voas e Doebler (2011) decompõem o processo em três vetores, entre coortes, no interior das coortes e por efeito de período histórico, e mostram que o componente decisivo da mudança religiosa europeia é o intergeracional.

Stolz (2020) reorganiza as teorias contemporâneas da secularização em torno de quatro mecanismos explicativos articuláveis: a diferenciação funcional dos sistemas sociais, a concorrência entre ofertas religiosas e seculares no mercado simbólico, o enfraquecimento progressivo dos mecanismos familiares de transmissão religiosa e o efeito agregado da substituição de coortes. A formulação interessa ao caso brasileiro porque permite examinar simultaneamente a expansão da oferta evangélica e secular, a perda de capacidade socializadora das instituições católicas tradicionais e o impacto das novas tecnologias de comunicação sobre a transmissão familiar. Nenhum dos

quatro mecanismos atua isoladamente: o crescimento dos “sem religião” decorre da convergência desigual entre eles e a tarefa analítica consiste em ponderar pesos relativos no contexto específico.

No campo brasileiro, Sílvia Fernandes (2018) examinou trajetórias de jovens “sem religião” na Baixada Fluminense, mostrando que a desinstitucionalização raramente coincide com ateísmo ou indiferença religiosa absoluta: as entrevistas que conduziu evidenciam crenças residuais, prática privada de oração e recurso a símbolos religiosos em momentos críticos, sob recusa explícita de vínculo institucional. Sofiati (2011), ao investigar a Renovação Carismática Católica, demonstra que a juventude brasileira responde de forma aguda às transformações culturais, educacionais e comunicacionais que reconfiguram o campo religioso, podendo o mesmo conjunto de pressões produzir resultados opostos, desfiliação radical num polo, religiosidade pentecostalizada noutro.

Para compreender as causas do crescimento da categoria “sem religião” entre jovens brasileiros, é necessário examinar as transformações estruturais que afetaram os processos tradicionais de transmissão religiosa intrafamiliar nas últimas décadas. A perspectiva teórica de Marcel Gauchet oferece instrumentos conceituais fundamentais para essa análise, especialmente seu conceito de “saída da religião” como processo histórico de longa duração que caracteriza a modernidade ocidental.

Conforme Gauchet (1985), a modernidade representa o momento de transição definitiva de sociedades organizadas pela heteronomia religiosa para sociedades estruturadas pela autonomia democrática. Este processo, que ele denomina “saída da religião”, significa a transformação fulcral: a saída de um mundo em que a religião é que estrutura a forma política das sociedades e define a economia da relação social. No contexto brasileiro contemporâneo, o crescimento dos jovens “sem religião” pode ser interpretado como manifestação específica dessa dinâmica gauchetiana em sociedades periféricas que experimentam modernização acelerada.

A fragilização das tradições religiosas familiares se manifesta de múltiplas

formas. Primeiro, pela crescente pluralização do campo religioso brasileiro, que oferece aos jovens um menu expandido de opções espirituais que não existia para gerações anteriores. Segundo, pela transformação das estruturas familiares tradicionais, com o aumento de famílias monoparentais, reconstituídas e com diferentes configurações religiosas internas. Terceiro, pela expansão do ensino superior e da mobilidade geográfica, que expõe jovens a contextos culturais diversos que relativizam as certezas religiosas familiares.

Essa dinâmica corresponde ao que Gauchet identifica como característica determinante da modernidade: a passagem de sociedades organizadas pela "dívida de sentido com a alteridade", em que o princípio ordenador vem de fora, dos antepassados, deuses ou tradições - para sociedades baseadas na "autonomia individual". Em tais sociedades, cada pessoa se torna protagonista de quem constrói o seu próprio mundo de sentidos e significados. Os jovens "sem religião" representariam, nessa perspectiva, a geração que mais radicalmente experimenta essa transição da heteronomia religiosa familiar para a autonomia espiritual individualizada.

O processo de urbanização acelerada nas últimas décadas também desempenha papel crucial nesse cenário. Como aponta a literatura especializada, contextos urbanos favorecem a individualização religiosa por proporcionarem maior anonimato, diversidade cultural e distanciamento das redes tradicionais de controle social comunitário. No Brasil, essa tendência se expressa de forma marcante nas regiões metropolitanas do Sudeste, onde os índices de "sem religião" superam consistentemente a média nacional e dialogam com outras mudanças estruturais que afetam a vivência do sagrado.

Entre essas mudanças, a expansão das tecnologias digitais se destaca como fator cada vez mais relevante, ainda que insuficientemente explorado pela pesquisa acadêmica. A internet não apenas amplia o acesso a informações sobre diferentes tradições religiosas e filosóficas, como também possibilita a formação de comunidades virtuais nas quais jovens podem experimentar formas de espiritualidade desvinculadas de instituições formais. Desse modo, a tecnologia dá uma difusão de acesso maior a outras culturas e tradições, favorecendo bricolagens espirituais impensáveis para gerações anteriores e intensificando a

autonomia individual nas escolhas religiosas.

Nesse contexto, as tecnologias de comunicação facilitam o acesso à informação e também alteram os padrões de autoridade religiosa e os mecanismos de transmissão da fé. Como demonstra Hoover (1998), as tecnologias de comunicação digital criam novas possibilidades para a experiência religiosa ao permitirem que indivíduos acessem recursos espirituais sem a mediação das instituições tradicionais, promovendo formas mais autônomas e personalizadas de religiosidade. Essa autonomização tecnológica da experiência espiritual corresponde precisamente ao perfil dos jovens "sem religião" que constroem suas próprias sínteses espirituais a partir de múltiplas fontes digitais.

Paralelamente, as tecnologias digitais modificam os processos de socialização religiosa, como argumenta Zhao (2019) em seu estudo sobre o impacto das tecnologias de comunicação na religião. Segundo o autor, as plataformas digitais democratizam o acesso a informações religiosas e criam novas formas de comunidade virtual que competem com as instituições religiosas tradicionais na formação da identidade espiritual dos jovens. Essa transformação tecnológica dos processos de socialização religiosa ajuda a explicar por que as gerações digitais nativas desenvolvem relações mais fluidas e experimentais com as tradições espirituais.

Essas transformações tecnológicas dialogam, por sua vez, com mudanças no mercado de trabalho e nas expectativas profissionais das novas gerações. Carreiras que demandam alta mobilidade geográfica, flexibilidade de horários e interação com ambientes culturalmente diversos dificultam a manutenção de vínculos institucionais rígidos. Nesses casos, a espiritualidade tende a se reorganizar em torno de práticas mais flexíveis, adaptáveis ao ritmo e às demandas da vida contemporânea.

Todo esse movimento se insere em um contexto de crise de legitimidade das instituições religiosas tradicionais. Escândalos envolvendo lideranças, posturas conservadoras diante de temas como gênero e sexualidade, resistência a pautas ambientais e direitos humanos contribuem para o distanciamento entre jovens de valores mais progressistas e as denominações estabelecidas. O

resultado é uma crescente preferência por formas espirituais autônomas, que preservam a liberdade de escolha sem a necessidade de compromissos institucionais rígidos --- compondo, assim, um quadro no qual fatores estruturais, tecnológicos e culturais se entrelaçam na redefinição do mapa religioso juvenil.

Esse fenômeno pode ser compreendido a partir da tese gauchetiana sobre o cristianismo como "religião da saída da religião". Para Gauchet, o cristianismo carrega em si o germe de sua própria superação institucional ao promover a "subjetivação do ato religioso" através da "interiorização" da experiência espiritual. A encarnação divina no Cristo torna possível uma relação direta entre indivíduo e sagrado que prescinde da mediação institucional obrigatória. Paradoxalmente, quanto mais bem-sucedido é o cristianismo em formar subjetividades autônomas, mais essas subjetividades se sentem capazes de dispensar suas instituições originárias.

Dessa forma, a desfiliação religiosa juvenil frequentemente representa a reorganização da espiritualidade em torno de formas mais autônomas e ecléticas. Como argumenta a literatura sobre "believing without belonging", crer sem pertencer (Davie, 1994), muitos jovens "sem religião" mantêm crenças em dimensões transcendentais, mas rejeitam vínculos institucionais que percebem como restritivos ou autoritários.

Essa dinâmica corresponde precisamente ao que Gauchet denomina a situação "pós-religiosa" da modernidade tardia, caracterizada pelo "desencantamento do mundo" em que assistimos a "uma metamorfose da religião em crença pessoal" (Campos, 2017, p.377). Trata-se da transformação em "espiritualidades fora da religião" organizadas pela lógica da autonomia individual em vez da heteronomia institucional. Os jovens brasileiros "sem religião" seriam, nessa perspectiva, exemplares de uma nova configuração antropológica que Gauchet identifica como o "ethos pós-religioso do homem contemporâneo".

4 Práticas espirituais dos jovens "sem religião"

A categoria censitária "sem religião" obscurece uma realidade muito mais

complexa e diversificada do que seus rótulos sugerem. Pesquisas qualitativas revelam que a maioria dos jovens brasileiros que se declaram "sem religião" praticam formas híbridas e individualizadas de espiritualidade que desafiam as taxonomias religiosas tradicionais.

As práticas espirituais dos jovens "sem religião" frequentemente combinam elementos derivados do cristianismo (especialmente catolicismo familiar), espiritualidades orientais (budismo, hinduísmo, taoísmo), religiões afro-brasileiras (principalmente umbanda), esoterismo Nova Era, ambientalismo espiritual e filosofias seculares humanistas. Essa bricolagem resulta de processos deliberados de construção de sistemas de crenças personalizados que respondem a necessidades espirituais específicas.

Teoricamente, esses processos podem ser compreendidos a partir do conceito de "experiência religiosa" (*Erlebnis*) desenvolvido por Martins Filho e Ecco, entendida como algo experimentado desde dentro, campo no qual "o indivíduo se reconhece como ser multidimensional, dotado de necessidades simbólicas, e assume o protagonismo de quem constrói o seu próprio mundo de sentidos e significados" (Martins Filho; Ecco, 2021, p. 20) Essa abordagem permite compreender por que muitos jovens "sem religião" mantêm práticas e crenças espirituais intensas, mesmo rejeitando vínculos institucionais formais.

A tecnologia digital desempenha papel importante nesses processos de hibridização. Aplicativos de meditação como *Headspace* e *Calm*, canais do YouTube dedicados à espiritualidade alternativa, comunidades do Instagram focadas em astrologia e tarô, podcasts sobre filosofia e desenvolvimento pessoal, e redes sociais especializadas em práticas espirituais não-denominacionais criam ecossistemas digitais que sustentam formas de religiosidade desinstitucionalizadas.

Essa postura de "turismo religioso" ou "experimentação espiritual" caracteriza muitos jovens "sem religião" que frequentam ocasionalmente diferentes espaços sagrados sem estabelecer vínculos institucionais duradouros. Eles desenvolvem uma abordagem exploratória que valoriza a diversidade de experiências espirituais over a fidelidade a uma única tradição religiosa.

As práticas mais comuns incluem meditação (frequentemente desvinculada de contextos budistas ou hinduístas específicos), yoga (praticada mais como técnica corporal que disciplina espiritual), leitura de textos espirituais ecléticos, participação em rituais de ayahuasca ou outras plantas sagradas, consultas a tarô e astrologia, práticas de gratidão e *mindfulness*, conexão com natureza como experiência espiritual, e engajamento com causas sociais como forma de expressão ética.

Geograficamente, essas práticas se concentram em centros urbanos que oferecem infraestrutura cultural diversificada. Cidades como Rio de Janeiro, São Paulo, Belo Horizonte, Porto Alegre e Florianópolis desenvolveram ecossistemas espirituais alternativos que incluem centros de meditação não-denominacionais, livrarias esotéricas, festivais de espiritualidade, workshops de desenvolvimento pessoal, e comunidades virtuais e presenciais dedicadas à experimentação espiritual.

A dimensão comunitária dessas práticas também merece atenção. Embora rejeitem vínculos institucionais tradicionais, muitos jovens "sem religião" criam ou participam de comunidades alternativas organizadas em torno de práticas espirituais específicas, causas sociais, ou atividades culturais que incorporam dimensões transcendentais. Isso sugere que a desfiliação religiosa implica a reorganização do pertencimento comunitário em torno de afinidades eletivas.

Seja como for, é importante reconhecer que essas hibridizações espirituais frequentemente mantêm conexões com tradições familiares, mesmo quando rejeitam suas formas institucionais. Jovens "sem religião" de origem católica podem manter devoções marianas privadas, participar de festividades familiares religiosas, ou incorporar elementos do catolicismo popular em suas práticas pessoais. Isso sugere continuidades culturais que transcendem a desfiliação institucional formal.

5 O papel das redes sociais e da cultura digital na reconfiguração espiritual

A revolução digital das últimas duas décadas transformou radicalmente os processos de socialização religiosa, criando novos espaços de experimentação

espiritual que competem diretamente com as instituições tradicionais na formação da identidade religiosa dos jovens. Para compreender adequadamente o crescimento da categoria "sem religião" entre as gerações mais novas, é necessário analisar como as tecnologias de comunicação digital redefiniram o acesso, a transmissão e a prática da espiritualidade.

As redes sociais funcionam como "mercados espirituais virtuais". Nelas, os jovens têm acesso a uma diversidade de tradições, práticas e perspectivas religiosas impensável para gerações anteriores. *Instagram, TikTok, YouTube* e outras plataformas hospedam comunidades dedicadas a praticamente todas as tradições espirituais existentes, além de criar espaços para experimentações híbridas que combinam elementos de diferentes religiões. Essa democratização do acesso a conteúdos espirituais diversos enfraquece o monopólio informacional que as instituições religiosas tradicionais exerciam sobre suas comunidades.

Um exemplo paradigmático é o crescimento de influenciadores espirituais nas redes sociais que oferecem conteúdos que misturam meditação, psicologia positiva, astrologia, filosofia oriental e desenvolvimento pessoal. Esses criadores de conteúdo frequentemente alcançam audiências maiores que muitos líderes religiosos tradicionais, especialmente entre jovens que buscam orientação espiritual sem compromissos institucionais rígidos.

O fenômeno dos "gurus digitais" merece atenção especial. Diferentemente dos líderes religiosos tradicionais, que derivam autoridade de instituições estabelecidas, os influenciadores espirituais digitais constroem legitimidade através de métricas de engajamento, autenticidade percebida e capacidade de comunicação em linguagem contemporânea. Isso cria formas de autoridade espiritual mais horizontais e democráticas, em que a validação vem da comunidade de seguidores em vez de hierarquias institucionais predeterminadas.

As tecnologias digitais também facilitam a formação de "comunidades espirituais líquidas" – grupos que se organizam temporariamente em torno de práticas ou interesses específicos, mas não demandam compromissos permanentes ou exclusivos. Grupos do WhatsApp dedicados à meditação, comunidades do *Discord* focadas em filosofia, canais do *Telegram* sobre

astrologia, e fóruns do *Reddit* sobre experiências psicodélicas criam redes de apoio espiritual que operam de forma completamente distinta das congregações tradicionais.

Em relação ao campo da religião e da espiritualidade, a digitalização tem consequências bastante significativas. Ela impulsiona, em particular, as teologias e as didáticas da religião que enfatizam o papel do sujeito. Abordagens consolidadas, como a teologia da juventude, a pedagogia da mídia, a didática bíblica e a educação religiosa performativa, devem ser mobilizadas no contexto da digitalidade (Grümme, 2023, p. 6).

A gamificação da espiritualidade constitui outro aspecto importante dessa transformação digital. Aplicativos como *Calm*, *Insight Timer* e *Buddhify* transformam práticas meditativas em experiências gamificadas, com sistemas de recompensa, níveis de progresso e elementos competitivos que atraem jovens acostumados com a linguagem dos videogames. Essa gamificação pode tornar práticas espirituais mais acessíveis e atrativas, mas também as descontextualiza de suas tradições originárias.

O streaming de conteúdo espiritual representa outra inovação significativa. Plataformas como YouTube hospedam milhares de canais dedicados a diferentes tradições espirituais, frequentemente oferecendo conteúdos mais diversos e acessíveis que muitas instituições religiosas formais. Jovens podem assistir a ensinamentos budistas pela manhã, palestras sobre filosofia estoica à tarde e sessões de tarô à noite, construindo currículos espirituais personalizados que seriam impossíveis em contextos institucionais tradicionais.

Essa personalização das experiências espirituais também se manifesta em tecnologias imersivas, como a realidade virtual, que vêm sendo exploradas para práticas de meditação e *mindfulness*. Conforme observam Seabrook et al (2020, p. 311):

Reproduzindo o treinamento tradicional de *mindfulness*, a realidade virtual imersiva oferece ambientes estéticos, permitindo que os usuários estejam virtualmente presentes em um cenário personalizado. Além disso, a orientação por áudio substitui o papel do instrutor, como tradicionalmente ocorre no treinamento de *mindfulness*, garantindo consistência na qualidade do treino. A interação entre o ambiente e o treinamento, portanto, aumenta a sensação de envolvimento dos participantes e a eficácia da meditação (Seabrook, 2020, p. 311. Tradução nossa).

A inteligência artificial emergente também começa a impactar os processos de busca espiritual. *Chatbots* especializados em orientação espiritual, algoritmos que recomendam conteúdos baseados em preferências religiosas, e aplicativos que personalizam práticas espirituais conforme o perfil do usuário representam desenvolvimentos que podem intensificar ainda mais a individualização da experiência religiosa.

Contudo, é mister reconhecer que apesar do foco individual, essas transformações digitais não eliminam completamente o desejo de experiências espirituais presenciais e comunitárias. Muitos jovens "sem religião" utilizam tecnologias digitais para descobrir comunidades presenciais alternativas, como grupos de meditação, círculos de estudo filosófico, ou comunidades dedicadas ao uso ritual de plantas sagradas. A tecnologia funciona, nesses casos, como ponte para experiências comunitárias que não seriam descobertas pelos meios tradicionais.

A cultura digital também transforma as expectativas dos jovens em relação à participação comunitária. Gerações nativas digitais esperam maior interatividade, personalização e autonomia em suas experiências espirituais. Instituições religiosas que mantêm formatos hierárquicos, pouco interativos e padronizados podem parecer anacrônicas para jovens acostumados com ambientes digitais altamente customizáveis e responsivos.

Essa transformação digital da espiritualidade corresponde a uma fase da religiosidade humana caracterizada pela hibridização tecnológica, personalização extrema, organização em rede, e superação das fronteiras tradicionais entre sagrado e secular. Os jovens brasileiros "sem religião" podem representar os pioneiros dessa nova configuração espiritual que combina autonomia individual, conectividade digital e experimentação constante.

Conclusão

A leitura dos resultados deve ser feita com cautela. O aumento da categoria "sem religião" não autoriza concluir, por si só, que os jovens brasileiros estejam se tornando majoritariamente ateus ou antirreligiosos. O dado indica, com maior

segurança, uma crise da filiação institucional e uma diversificação das formas de relação com o sagrado, incluindo indiferença, crença privada, trânsito religioso, crítica às instituições e espiritualidades individualizadas.

O crescimento do grupo que se declara “sem religião”, que passou de 7,9% em 2010 para 9,3% em 2022, segundo o IBGE, não representa apenas uma variação estatística. Trata-se de um indicador de mudança cultural que pode redefinir a paisagem religiosa brasileira nas próximas décadas. A presença significativa de jovens entre 15 e 29 anos nesse grupo, que representam 40,3% dos “sem religião”, sugere uma reconfiguração geracional dos modos de experimentar e expressar a espiritualidade, cada vez mais marcada por trajetórias individuais, fluidas e fora das instituições tradicionais

A principal conclusão deste estudo é que a desfiliação religiosa juvenil deve ser interpretada como transformação das formas de religiosidade em direção a modelos mais individualizados, híbridos e desinstitucionalizados. Na perspectiva gauchetiana, esse fenômeno representa uma etapa avançada do processo de "saída da religião" que caracteriza a modernidade ocidental, no qual assistimos à consolidação de sociedades organizadas pela autonomia individual em vez da heteronomia religiosa tradicional.

Essa transformação tem implicações significativas para as instituições religiosas tradicionais. As denominações que conseguirem se adaptar às expectativas de autonomia, diversidade e flexibilidade das gerações mais novas provavelmente manterão relevância social, enquanto aquelas que insistirem em modelos autoritários, dogmáticos ou excludentes podem enfrentar declínio acelerado. Isso significa a rearticulação de tradições doutrinárias em formatos mais dialógicos e inclusivos.

Para as políticas públicas, o crescimento dos "sem religião" implica fortalecimento da laicidade estatal e maior atenção à diversidade de visões de mundo na formulação de legislações sobre direitos reprodutivos, educação, meio ambiente e direitos humanos. Como observa Henrique Cortez, "o crescimento das pessoas que se declaram sem religião é um indicativo de uma mudança cultural que, no longo prazo, poderá pavimentar o caminho para um fortalecimento ainda

maior da laicidade do Estado [...]” (Instituto Humanitas Unisinos, 2023).

Metodologicamente, este estudo sugere a necessidade de refinamento das categorias censitárias para capturar melhor a complexidade das experiências espirituais contemporâneas. A categoria "sem religião" agrega realidades muito diversas que merecem uma investigação mais detalhada. Como argumenta Hervieu-Léger, "o que está em questão hoje é a possibilidade de que seja imposto socialmente um dispositivo autoritário que controle as enunciações e os conceitos enunciados" da crença religiosa (Hervieu-Léger, 2005). Futuras pesquisas devem incorporar questões sobre práticas espirituais não-institucionais, uso de tecnologias digitais para fins espirituais, e formas híbridas de religiosidade que escapam às taxonomias tradicionais.

Teoricamente, os dados analisados contribuem para os debates sobre transformações religiosas na modernidade tardia, oferecendo evidências empíricas brasileiras para discussões sobre individualização religiosa, desinstitucionalização da espiritualidade, e emergência de "novas espiritualidades" em contextos urbanos contemporâneos.

Em suma, os dados indicam que o Brasil está vivenciando uma transformação religiosa geracional sem precedentes em sua história, que pode ser interpretada como manifestação específica daquilo que Marcel Gauchet identifica como a dinâmica universal da modernidade: a "saída da religião" que caracteriza sociedades democráticas maduras. Como observa o filósofo francês, esse processo "delimita novos papéis para a religião" em sociedades organizadas pela autonomia individual. Compreender essas causas, características e consequências é fundamental para pesquisadores da religião e para todos aqueles interessados nos rumos da sociedade brasileira nas próximas décadas.

REFERÊNCIAS

AGÊNCIA BRASIL. Evangélicos crescem e representam mais de um quarto da população. Brasília, 6 jun. 2025. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2025-06/evangelicos-crescem-e-representam-mais-de-um-quarto-da-populacao>. Acesso em: 15 jul. 2025.

BARROZO, Victor Breno Farias. **Modernidade religiosa: memória, transmissão e emoção no pensamento de Danièle Hervieu-Léger**. São Paulo: Fonte

Editorial, 2014.

BRASIL DE FATO. Crenças evangélica e de matriz africana crescem, mas religião católica ainda predomina no Brasil, aponta IBGE. **Brasil de Fato**. São Paulo, 6 jun. 2025. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2025/06/06/crencas-evangelica-e-de-matriz-africana-crescem-mas-religiao-catolica-ainda-predomina-no-brasil-aponta-ibge>. Acesso em: 05 jul. 2025.

CAMPOS, Fabiano Victor. Mundo desencantado: o ethos pós-religioso do homem contemporâneo à luz do pensamento de Marcel Gauchet. **Horizonte**. Belo Horizonte, v. 15, n. 46, p. 376-411, 2017. DOI: 10.5752/P.2175-5841.2017v15n46p376. Disponível em: <https://periodicos.pucminas.br/horizonte/article/view/14981>. Acesso em: 4 jul. 2025

CAMURÇA, Marcelo Ayres. A sociologia da religião de Danièle Hervieu-Léger: entre a memória e a emoção. In: TEIXEIRA, Faustino (Org.). **Sociologia da religião: enfoques teóricos**. Petrópolis: Vozes, 2003.

CNN BRASIL. Número de evangélicos cresce e de católicos diminui no Brasil, aponta IBGE. **CNN Brasil**. São Paulo, 6 jun. 2025. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/brasil/numero-de-evangelicos-cresce-e-de-catolicos-diminui-no-brasil-aponta-ibge/>. Acesso em: 07 jul. 2025.

DAVIE, Grace. **Religion in Britain since 1945: Believing without belonging**. London: Blackwell, 1994.

FERNANDES, Sílvia Regina Alves. Trajetórias religiosas de jovens sem religião: algumas implicações para o debate sobre desinstitucionalização. **Interseções: Revista de Estudos Interdisciplinares**. Rio de Janeiro, v. 20, n. 2, p. 369-387, 2018. DOI: 10.12957/irei.2018.39029. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/intersecoes/article/view/39029>. Acesso em: 22 maio 2026.

GAUCHET, Marcel. **Le désenchantement du monde: une histoire politique de la religion**. Paris: Gallimard, 1985.

GRÜMME, Bernhard. Spirituality and digitality: a difficult relationship = Espiritualidade e digitalidade: uma relação difícil. **Teocomunicação**. Porto Alegre, v. 53, n. 1, p. e44027, 2023. DOI: <https://doi.org/10.15448/0103-314X.2023.1.44027>. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/teo/article/view/44027>. Acesso em: 1 ago. 2025.

HERVIEU-LÉGER, Danièle. Catolicismo - A Configuração da Memória. **REVER - Revista de Estudos da Religião**. São Paulo, n. 2, p. 1-7, 2005. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/rever/article/view/14352>. Acesso em: 3 jul. 2025.

HERVIEU-LÉGER, Danièle. **O peregrino e o convertido: a religião em movimento**. Petrópolis: Vozes, 2008.

HOOVER, Stewart M. Religion, Media, and the Cultural Center. **Canadian Journal of Communication**. v. 23, n. 4, p. 445-456, 1998. Disponível em: <https://doi.org/10.22230/cjc.1998v23n4a1040>. Acesso em: 19 maio 2026.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo Demográfico 2022: Panorama**. Rio de Janeiro: IBGE, 2023-. Disponível em:

<https://censo2022.ibge.gov.br/panorama/>. Acesso em: 4 jul. 2025.

INSTITUTO HUMANITAS UNISINOS. Censo 2022: crescimento de “sem religião” favorece a laicidade nacional. **Instituto Humanitas Unisinos – IHU**. São Leopoldo, 11 jul. 2023. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/653165-censo-2022-crescimento-de-sem-religiao-favorece-a-laicidade-nacional>. Acesso em: 11 jul. 2025.

MARTINS FILHO, José Reinaldo Felipe; ECCO, Clóvis. Novos odres para o sagrado vinho: Marià Corbí e os sem religião. **Estudos de Religião**. São Paulo, v. 32, n. 2, p. 29-50, 2018.

MARTINS FILHO, José Reinaldo Felipe. A controvérsia dos "sem religião" no Brasil: pluralismo religioso ou monoculturalismo cristão? **Revista Eclesiástica Brasileira (REB)**. Petrópolis, v. 79, n. 314, p. 663-681, 2019. Disponível em: <https://reb.itf.edu.br/reb/article/view/1908>.

MARTINS FILHO, José Reinaldo Felipe. Um caminho nas Ciências da Religião: novas possibilidades para o catolicismo brasileiro. **Caminhos**. Goiânia, v. 18, n. 1, p. 87-108, 2020. Disponível em: <https://seer.pucgoias.edu.br/index.php/caminhos/article/view/7978>.

MARTINS FILHO, José Reinaldo Felipe; ECCO, Clóvis. "Sem religião" ou pluralismo religioso? Uma leitura introdutória. **Horizonte**. Belo Horizonte, v. 19, n. 58, p. 305-324, jan./abr. 2021. DOI: <https://doi.org/10.5752/P.2175-5841.2021v19n58p305>. Disponível em: <https://periodicos.pucminas.br/horizonte/article/view/20624>.

REDAÇÃO CPAD News. Jovens “sem religião” superam católicos e evangélicos em SP e RJ. **CPAD News**. 10 maio 2022. Disponível em: <https://www.cpadnews.com.br/jovens-sem-religiao-superam-catolicos-e-evangelicos-em-sp-e-rj/>. Acesso em: 01 ago. 2025.

RITZ, C. D. A.; SENRA, F. Pessoas sem religião com crenças: considerações sobre o fenômeno religioso dos sem religião. **Caminhos - Revista de Ciências da Religião**. Goiânia, v. 20, n. 3, p. 316–334, 2022. DOI: <https://doi.org/10.18224/cam.v20i3.13749>. Disponível em: <https://seer.pucgoias.edu.br/index.php/caminhos/article/view/12778>. Acesso em: 1 ago. 2025.

SEABROOK, Elizabeth et al. Understanding how virtual reality can support mindfulness practice: mixed methods study. **Journal of Medical Internet Research**. Toronto, v. 22, n. 3, p. e16106, 2020. DOI: 10.2196/16106. Disponível em: <https://www.jmir.org/2020/3/e16106/>. Acesso em: 1 ago. 2025.

SOFIATI, Flávio Munhoz. **Religião e juventude: os novos carismáticos**. São Paulo: Ideias & Letras; FAPESP, 2011.

STOLZ, Jörg. Secularization theories in the twenty-first century: ideas, evidence, and problems. **Social Compass**. Louvain, v. 67, n. 2, p. 282-308, 2020. DOI: 10.1177/0037768620917320. URL: <https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/0037768620917320>. Acesso em 18 maio de 2026.

STOLZ, Jörg; BIOLCATI, Ferruccio; MOLTENI, Francesco. Is France exceptionally

irreligious? A comparative test of the cohort replacement theory. **L'Année sociologique**. Paris, v. 71, n. 2, p. 337-367, 2021. DOI: 10.3917/anso.212.0337. Disponível em: <https://shs.cairn.info/revue-l-annee-sociologique-2021-2-page-337?lang=en>. Acesso em: 18 maio 2026.

STOLZ, Jörg; KÖNEMANN, Judith; PURDIE, Mallory Schneuwly; ENGLBERGER, Thomas; KRÜGGELER, Michael. **(Un)believing in modern society: religion, spirituality, and religious-secular competition**. London; New York: Routledge, 2016.

TONIOL, Rodrigo. Como analisar os dados sobre religião no Censo de 2022. **Observatório Evangélico**. 11 mar. 2024. Disponível em: <https://www.observatorioevangelico.org/como-analisar-os-dados-sobre-religiao-no-censo-de-2022/>. Acesso em: 02 jul. 2025.

VOAS, David. The rise and fall of fuzzy fidelity in Europe. **European Sociological Review**. Oxford, v. 25, n. 2, p. 155-168, 2009. DOI: 10.1093/esr/jcn044. URL: <https://academic.oup.com/esr/article/25/2/155/491158>. Acesso em: 18 maio 2026.

VOAS, David; DOEBLER, Stefanie. Secularization in Europe: religious change between and within birth cohorts. **Religion and Society in Central and Eastern Europe**. Zagreb, v. 4, n. 1, p. 39-62, 2011. Disponível em: <https://rascee.net/index.php/rascee/article/view/31>. Acesso em: 18 maio 2026.

ZHAO, Fangyuan. The impact of communication technology on religion. In: INTERNATIONAL CONFERENCE ON CONTEMPORARY EDUCATION, SOCIAL SCIENCES AND HUMANITIES (ICCESSH 2019), 4., 2019, Moscou. Proceedings [...]. Atlantis Press, 2019. p. 2024-2027. DOI: <https://doi.org/10.2991/iccessh-19.125912192>. Disponível em: <https://www.atlantis-press.com/proceedings/iccessh-19/125912192>. Acesso em: 4 jul. 2025.